



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

SEMANA PORTUGUESA : REVISTA DE INFORMAÇÃO E CRÍTICA¹ – Apareceu em Lisboa a 9 de Janeiro de 1933 e conseguiu manter-se até 31 de Janeiro de 1936, quando publicou o 15.º número. Para três anos, o saldo ficou muito aquém do que seria expectável. Na verdade, a revista cumpriu uma existência algo conturbada: teve três proprietários diferentes, o que implicou alguns ajustes no seu corpo dirigente e na sua linha editorial. Mas recuperaremos essa trajetória mais à frente. Quando apareceu, a direção estava entregue a Carlos do Amaral², o administrador era Artur do Amaral³ e o editor era Raul de Lyz⁴. O primeiro proprietário foi a *Empresa da Revista Editorial, Limitada*. A partir do 3.º número, Albino Lapa foi apresentado como chefe da redação da *Semana*.⁵

Lançada no início de 1933, a *Semana Portuguesa* assistiu à institucionalização do Estado Novo, cujas premissas foram criadas precisamente nesse ano, como seja: nova Constituição Política da República Portuguesa, aprovada por sufrágio referendário realizado a 19 de Março, entrou em vigor a 11 de Abril; instituição da Censura prévia, sob a tutela do Ministério do Interior, no mesmo dia em que entrou em vigor nova Constituição, 11 de Abril, (DL n.º 22:469⁶); criação da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, a 29 de Agosto (DL n.º 22:992) que ficou sob a direção de um militar, o capitão do Exército Agostinho Lourenço; Estatuto do Trabalho Nacional, aprovado a 23 de Setembro de 1933 (DL n.º 23:048), eixo estruturante do sistema corporativo português; criação do Secretariado da Propaganda Nacional, a 25 de Setembro (DL n.º 23:054), para promover a “cultura do espírito”, ficou sob a direção de António Ferro.

Importa também referir que esta “obra” de construção do Estado Novo não decorreu num ambiente de completa harmonia e “paz social”, pelo contrário. Mesmo entre os que se tinham disponibilizado para apoiar o projeto político-ideológico de Oliveira Salazar, houve quem não concordasse com a arquitetura, se sentisse defraudado nas

¹ Disponível na Hemeroteca digital, em:

<http://Hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/SemanaPortuguesa/SemanaPortuguesa.htm>.

² A pesquisa no catálogo da PORBASE devolveu-nos um “Carlos do Amaral” como diretor e proprietário do semanário *A Nação Portuguesa*, que se publicou em Lisboa, a partir de 1935 (disponível na Biblioteca Nacional de Portugal). No vol. 9 (p. 317), de *Publicações Periódicas Existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1927-1945)* há referência a um outro título, dirigido por Carlos do Amaral: *A Nação: semanário nacionalista defensor das classes trabalhadoras*, propriedade da Empresa de Publicidade “A Nação”, de 1935-1936.

³ Na PORBASE, consta como editor de *Ribalta: semanário ilustrado de Teatro e de Cinema*, com três números, de 1933, e que foi dirigido por Albino Lapa, Teixeira Cabral e José de Lemos.

⁴ Na PORBASE, consta como administrador do mensário lisboeta *A Hora: jornal ilustrado*, de 1933-1982, dirigido por Bandeira de Tóro, que foi chefe de redação da *Semana Portuguesa*.

⁵ Conf. «Albino Lapa», in n.º 3, pág. 16.

⁶ Disponível na Hemeroteca Digital, em: .

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/LeisdImprensa/1933/N83/N83_item1/index.html

suas expectativas e procurasse influenciar e pressionar para provocar alterações na “obra” - através do lobby, da crítica, etc. -, houve até quem tentasse “embarga-la”. Quer isto dizer que ocorreram alguns episódios de oposição frontal ao regime emergente e mesmo de confrontação com recurso à violência, protagonizados por civis e militares conectados aos diferentes quadrantes ideológicos e partidários. Recordamos aqui alguns desses dos episódios mais expressivos como: a sublevação do regimento de Infantaria 10, de Bragança, em Outubro de 1933 (entre 27-28); a demissão do presidente da CML em Fevereiro de 1933 (a 14), por se ter manifestado publicamente contra o projeto da Constituição; a greve geral contra os sindicatos nacionais, em Janeiro de 1934 (a 18), particularmente expressiva na Marinha Grande, pela sua articulação com uma revolta militar, e com incidência também em Almada, Barreiro, Coimbra e Lisboa; a crise no governo, em Abril de 1934 (entre 15-17), alimentada pela suspeita de “conspiração” do ministro da guerra e de altas patentes militares contra Salazar, o que levou a presidência a emitir uma nota oficiosa a desmentir quaisquer divergências em relação ao presidente do conselho; a sublevação no quartel da Penha de França, em Lisboa, Setembro de 1935 (a 9), em articulação com o grupo dos nacionais-sindicalistas, liderado por Rolão Preto.

Como é que a *Semana Portuguesa* se posicionou perante esta espiral de acontecimentos? Como entendia a sua intervenção como «revista de informação e crítica»?

«ONDE VAMOS?...»

À luz da inquietação e do debate gerados pelo processo de institucionalização do Estado Novo, este título do primeiro editorial da *Semana Portuguesa* não deve ser tido como inocente. Era demasiado ambíguo. E o texto do editorial confirma e reforça essa interpretação, pois estabelece um certo paralelismo entre o projeto de regime em construção, o Estado Novo, e o projeto editorial da *Semana Portuguesa*.

Exprimindo uma sintonia com a matriz ideológica do novo regime e também com os seus objetivos programáticos de “reconciliação social”, a *Semana Portuguesa* foi apresentada como uma «*publicação cheia de Fé em bem servir os seus leitores e anunciantes, focando os acontecimentos que mais interessam a vida moderna, fazendo um pouco de crítica, inofensiva, claro é, mesmo um tom de humorismo, animando e estimulando todas as manifestações de Arte, imprimindo vida e alma aos que se dedicam às belas letras, acompanhando com especial carinho tudo o que se relaciona com o progresso desportivo, numa palavra, prometendo estar onde seja preciso para que a prosa da sua KODAK possa dar com oportunidade as mais interessantes e recentes notícias da vida nacional.*»

Depois, como quem acrescenta um detalhe menor, a descrição do programa prosseguiu, aparentemente, ironizando com a visão salazarista da mulher e com os apregoados direitos políticos que recentemente conquistara: «*Como revista que é, é feminista, perdão, queremos dizer, é feminina, tem também as preocupações do sexo frágil... está febril, nervosa, para dar às suas leitoras, não diremos curiosas, porque tal adjetivo lhe aplicam os homens, mas não nós, ... os invejosos da sua curiosidade, mil vezes eles, mais curiosos... do que elas! ... Lá vai a novidade... Esperem um pouco... Que ansiedade!*»

A nossa secção de arte musical é dirigida, e criticada por uma musicista.»⁷ Admitiam que o programa era «vasto» e de «realização trabalhosa», mas pediram um voto de confiança ao público, enunciando os valiosos trunfos que dispunham, além «da objectiva da sua KODAK»: «a mocidade radiosa do seu corpo redactorial, a protecção e incentivos que muitos e valiosos amigos lhe teem proporcionado e á qual hão-de corresponder com todo o sacrifício e esforço compatíveis com as suas faculdades de trabalho.»⁸

Concluindo, a *Semana Portuguesa* prometia acompanhar e estimular a atividade cultural, a desportiva e, simultaneamente, realizar uma leitura crítica do que entendia como «acontecimentos» e «noticias» mais relevantes da «vida moderna» e da «vida nacional». Quer isto dizer que revista ia tomar posição sobre os “acontecimentos” ou “noticias” que viesse a tratar, mas não revelou uma simpatia ou inclinação ideológica, pelo contrário. A ambiguidade fez parte da sua natureza, define-a, e nesse sentido refletiu parte das contradições que marcaram o período em que fez parte do cardápio de publicações disponíveis.

No primeiro ciclo, entre Janeiro e Março de 1933, a revista manteve-se fiel a uma estrutura de secções, mais ou menos estável, e que incluía: «Notas da semana» - título do editorial que tinha uma incidência muito variável e, na maioria das vezes, não era assinado; «Carta da Semana» - uma epístola rimada e muito inspirada que «Larama» escrevia para a sua Engrácia que ficara na terra – uma “série” imperdível:

*«Engrácia. Por Deus ! Não m'enlouqueças,
Não me arranjes, mais tormentos e sarilhos;
Vê ao menos, que sou Pai dos nossos filhos,
tem isto na memória, não te esqueças. (...)»⁹*

Em Dezembro de 1933, estava num grande aperto e já pressentia o cheiro da desgraça:

*«Engracia, Meu amôr, é dia de natal!,
A Festa da Família, o dia de Jesus;
E eu aguento o frete, d'uma pesada cruz,
Sem ter p'ra te mandar, um quinto de real.
Aqui não há trabalho, não sei o que fazer,
As letras não dão nada, é tudo analfabeto;
E tu a queres mandar, p'ra cá o Felizberto,
Talvez p'ra eu lhe dar, só erva p'ra comer,
Não vêz meu santo amôr, aqui há grosso esturro,
Cheira a sangue de Nazi, a fogo e a trincheira; (...)»¹⁰*

⁷ Conf. n.º 1, p. 3. Refira-se ainda que (só) em 1931, quando foi promulgado o decreto a organizar o recenseamento eleitoral foi reconhecido o direito de voto à mulher, ainda que com restrições (decreto com força de lei n.º 19:694, de 5 de Maio).

⁸ *Idem.*

⁹ Conf. n.º 3, p. 4.

Retomando o fio da meada:

«Instantaneos da cidade...» - comentários breves sobre o quotidiano da urbe com a assinatura de «F.B.» que provavelmente correspondiam a Frederico de Brito¹¹; «Página da mulher» - juntou algumas crónicas, contos e muitos conselhos e sugestões sobre moda, culinária, etc., alguns assinados por Luisa de Sousa; «Saúde Publica» - espaço que estava reservado para «fazer larga propaganda dos Hospitais Civis» e apresentar a «opinião técnica e científica de todos os seus ilustres médicos», acabou por ser o púlpito da polémica contra o director de *O Século*, João Pereira Rosa; «Pelo Sport» - noticiário, sobretudo sobre futebol, era assegurado por «F.B.», «A. Monteiro», entre outros; «Cinema» - além do cartaz das salas de Lisboa, publicava comentários críticos de «V.C.» e de «A.F.»; «Teatro» - da responsabilidade de «F. Gema»; «Perfis» - apresentou apenas duas evocações biográficas, uma sobre Júlio Brandão (n.º 1), outra focada em Queiroz Veloso (n.º2), ambas da autoria de Mário Portocarrero Casimiro (1909-1961); «Questões Político-sociais» - era um espaço para a “opinião”, onde o estatuto social da mulher e os seus direitos foram várias vezes abordados, mas não só: «A mulher perante a lei», da autoria de «S.F.»¹²; «As mulheres na ciência»¹³; «Não matará!..», de Silverio R. Ferro que se manifesta contra a pena de morte a pretexto da «electrocução dum nosso compatriota, na América das excentricidades»¹⁴; «Los menores delinquentes y los tribunales de menores», da autoria de Rafeal Montoro, foi publicado em espanhol;¹⁵; e um extrato «da obra Internacional», da autoria de Sebastião Magalhães de Lima (1850-1928), focalizado na corrupção da atividade político-partidária e na reivindicação dos povos à «igualdade social»;¹⁶ «Pagina de Caricatura» - a cargo de Teixeira Cabral¹⁷ que, no seu traço moderno,

¹⁰ Conf. n.º 10, p. 5.

¹¹ Muito provavelmente que trata-se de Joaquim Frederico de Brito (1894-1977) que foi compositor e poeta muito estimado no meio do fado, onde era conhecido como “Britinho” ou o “poeta-chauffer”, porque foi durante muitos anos motorista de taxi. Na «Página Literária» da revista ficou publicado um poema da sua lavra. Mais informação em: <http://lisboanoguiness.blogs.sapo.pt/96690.html>

¹² Conf. n.º 2, p. 15.

¹³ Conf. n.º 3, p.15.

¹⁴ Conf. n.º 6, p. 4.

¹⁵ Conf. n.º 6, p. 5.

¹⁶ Conf. n.º 7, p. 22.

¹⁷ António Teixeira Cabral (Funchal, 1910 - Lisboa, 1/julho/1980 - Não existe muita informação sobre este caricaturista que foi “ressuscitado” por Osvaldo de Sousa para uma exposição integrada nas comemorações dos 150 anos da Caricatura em Portugal, organizadas pela Câmara Municipal de Oeiras em 1997. Segundo consta no respetivo catálogo, pouco se sabe sobre a infância e a formação deste artista. Só a partir dos anos 30, quando veio para Lisboa é possível seguir-lhe o rasto. Cultivou amizade com outros artistas, nomeadamente o brasileiro Tomaz de Mello, conhecido por «Tom», que foi o organizador da sua exposição de estreia, na Galeria U.P., em 1934. Teixeira Cabral não teve dificuldade em conquistar o meio jornalístico, disseminando o seu traço por periódicos de grande projeção, como: *Notícias Ilustrado*, *Século Ilustrado* (disponível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/NoticiasIlustrado/NoticiasIlustrado.htm>), *Diário de Lisboa*, *Sempre Fixe* (disponível, para a cronologia 1926-1932, na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/SempreFixe/SempreFixe.htm>), *Vida Mundial*, *Repórter X* (também acessível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ReporterX/ReporterX.htm>), entre outros. A pesquisa no catálogo das BLX devolve-o como foi autor de *Doze Páginas de Caricatura*, uma

minimalista, fez o retrato de Julio do Amaral e Albino Lapa, (n.º1), Antonio Ferro (n.º3), Dr. Ramada Curto (n.º4), Dr. Campos Lima (n.º5) e o Dr. Bissaia Barreto (n.º6); «Página Literária» – apresenta uma miscelânea de poesia, onde os novos, os “famosos” e os clássicos alternam, aparentemente, sem critério: Alexandre Fontes, 1866-1928? (n.º8), Alfredo Brochado, 1897-1949 (n.º1,4,5), Anthero de Quental, 1842-1891 (n.º3), António Fogaça, 1863-1888 (n.º7), Arnaldo Teixeira (n.º 6,7); Benjamim de Lima, (n.º1), Bocage (n.º3), Camões (n.º3), Carlos Bandeira de Tóro (n.º 7,9), J. Frederico Brito (n.º 2,), João Neto (n.º4,5,6,7), Ribeiro de Carvalho, 1880-1942 (n.º8), Santos Cravina, 1904-1992 (n.º 4,5,6), Sousa Viterbo, 1846-1910 (n.º7), Também publicou os poemas «Canção» (n.º 3), de António Botto (1897-1959), e «O teu soneto», e a crónica «Mulheres...» (n.º7), de Mario Guerra Roque; bem como as novelas «Ambiosos» (n.º6) de Guedes de Amorim (1901-1979) e «A Dansa com Punhais» (n.º7), de Aleixo Ribeiro (1899-1977).

À margem das secções a *Semana Portuguesa* revelou interesse por vários assuntos tidos como definidores da nacionalidade portuguesa e fomentadores do orgulho pátrio. De entre eles, sobressai a questão colonial, que aparentemente tinham planeado tratar em secção própria: o n.º 2 apresentou uma «Pagina Colonial», com um artigo dedicado ao «Patriotismo Colonial», da autoria de Augusto Leote, da Escola Superior Colonial. A secção acabou por não ter continuidade. Mas o tema das colónias manteve-se visível, alimentado por uma série de artigos soltos, de entre os quais destacamos: «Por terras de Angola e dos três Congos», uma “reportagem” realizada por Albino Lapa (n.º3, 4); e «Espírito Colonial», no qual Augusto Leote defendeu a urgência de se investir na sua formação e consolidação (n.º5).

Do universo de notícias publicadas na *Semana Portuguesa* destacam-se ainda as “peças”: «Restos da Revolta de São Paulo» (n.º2) que assinalou a chegada a Portugal de Artur da Silva Bernardes, antigo presidente do Brasil, e de outros «deportados» envolvidos na designada «Revolução Constitucionalista de 1932» ou «guerra Paulista», desencadeada contra a ditadura de Gertúlio Vargas; «Republica de Cuba» (n.º 4), uma entrevista com o Dr. Augusto d’Esaguy (1869-1961), médico de origem judaica, à data ao serviço da legação de Cuba em Portugal, que comenta o ambiente político cubano e as relações diplomáticas entre as duas Republicas; «*Salão de Humoristas Luso-Hispanicos que organiza a Sociedade «AMIGOS DA ARTE», de Vigo*» (n.º7) que divulga o respetivo regulamento.

A **polémica com O Século** chegou às páginas da *Semana Portuguesa* em Fevereiro de 1933 (n.º 6) em reação a um “artigo” que Rosa Pereira fez publicar na primeira página do matutino, de 7 de Janeiro de 1933, em grandes paragonas, de cor vermelha: «**História de um crime médico-cirurgico. Como em Portugal se pode matar impunemente**», que denunciava como incompetentes e corruptos três médicos prestigiados: Costa Sacadura, Francisco Gentil e Augusto Monjardino. A notícia tem contornos curiosos porque assume o formato de uma memória da vida íntima do próprio diretor d’*O Século*, que evocava a história da sua doença e do que sofrera às mãos dos ditos médicos. Nas duas edições seguintes (n.º7 e 8), a *Semana Portuguesa* insurgiu-se contra o que considerava ser uma «campanha difamatória»,

movida por interesses obscuros, publicando nas respetivas capas a fotografia de cada um dos difamados.

Entre Fevereiro e Março de 1933, a revista conheceu alguma irregularidade nas edições e “mudou de mãos” – passou a ser propriedade da «Empresa da «Semana Portuguesa» (em organização)» (n.º 6) –, de Administrador e de chefe de redação. A direção manteve-se com Carlos do Amaral. E em Abril, editaram um «Número Especial» (n.º 9, 3/04/1933), volumoso, tri-lingue (Português/Francês/Inglês, inteiramente dedicado a enaltecer as potencialidade turísticas da «Costa do Sol».

Com essa edição, *A Semana Portuguesa* iniciou um ciclo novo, assumindo o encargo de promover Portugal como país de turismo. Usamos o termo “encargo” porque não pareciam particularmente entusiasmados com a missão: «*Que poderemos dizer, que não esteja bem descrito e definido em todas as publicações destinadas á propaganda das belezas da nossa terra e, ultimamente, bem difundido nos folhetos de propaganda de cada uma das Comissões de Iniciativa de Turismo, das diferentes zonas do Paiz?*

Nada de novo, evidentemente. Convém, no entanto, insistir em assunto, que nunca perde a oportunidade, cantando todos os hinos que a nossa imaginação possa compor em louvor das incomparáveis belezas naturais e artísticas da nossa terra e fazendo-o seguimos ainda o exemplo do imortal cantor das nossas glórias: Cantando, espalharei por toda a parte...»¹⁸

Entretanto, no final do ano de 1934, Carlos do Amaral, o diretor, assumiu a propriedade da *Semana Portuguesa* e, nessa sequência, vieram outras reformas – que à frente reportamos.

Não é crível que a mudança brusca da linha editorial tenha sido filha de uma inspiração espontânea ou ocasional. Como é sabido, nos primeiros anos do Estado Novo, o turismo foi perspectivado como um setor estratégico, quer no plano da propaganda (interna e externa), quer no plano económico. De facto, o ambiente de instabilidade que vivido na Europa fez do país um destino procurado, abrindo um horizonte de oportunidades de negócio muito promissoras e insuflando as expetativas sobre o investimento do Estado Novo no desenvolvimento da pátria e progresso da nação. Importa também sublinhar que a assunção dessa visão estratégica foi fortemente influenciada pelo jovem António Ferro que Oliveira Salazar nomeou diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, em Setembro de 1933. Para compreender a relevância que o tema assumiu na época, basta folhear a imprensa e verificar o ritmo de publicação de textos diversos a enaltecer o património natural, histórico e artístico, a noticiar o sucesso das excursões de estrangeiros ao nosso país, a elogiar as obras realizadas e a alertar para a urgência de proceder a intervenções de diversa ordem (melhoria da rede de estradas, dos transportes, da limpeza, a regulamentação da venda ambulante, do suso do espaço público, etc., etc.). Pode também evocar-se a apresentação de sete “teses” sobre o desenvolvimento da atividade turística no I Congresso da União Nacional, cujos trabalhos decorreram entre 26 e 28 de Maio de 1934, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, em Lisboa; a realização da Exposição Colonial Portuguesa, no Porto, em Junho daquele ano; a organização do I Congresso Nacio-

¹⁸ Conf. «Portugal Paiz de Turismo» que, dizem, foi título da conferência de Joaquim Roque da Fonseca, «um dos que em Portugal se tem dedicado de corpo e alma» à propaganda turística, *in* n.º 10, p. 1.

nal de Turismo, inaugurado a 12 de Janeiro de 1936, numa sessão solene, realizada na sala nobre da Câmara Municipal de Lisboa, entre muitas outras iniciativas menores.

Aparentemente, a *Semana Portuguesa* procurou participar e capitalizar aquela onda de expectativa e entusiasmo. O “problema” é que há sempre uma crónica, uma «Carta da Semana», uma novela, um poema que destoa do discurso propagandístico que a *Semana Portuguesa* reproduzia agora, o que instala a dúvida quanto á sua adesão franca, total, ao ideário que definia o Estado Novo.

De facto, nos cinco números que foram publicados até 1936, a estrutura de secções foi fortemente sacrificada para permitir o «*louvor das incomparáveis belezas naturais e artísticas da nossa terra*», bem como a “reportagem” das obras de melhoramento recentemente realizadas e das respetivas cerimónias de inauguração: n.º 10 – Cantaram «Lisboa», «A Vila do Barreiro», «Sintra», «Mafra», «Caldas da Rainha», «Leiria», «Coimbra», «O Porto», antecipando a notícia da Exposição Colonial que se ia realizar no ano seguinte (1934); n.º 11 – Visitaram «Cascaes» e o seu museu que fora legado pelo Conde de Castro Guimarães, e também estiveram em «Setúbal»; n.º 12 – Fixaram a objetiva n’«A Exposição Colonial», do Porto, e na «Vila da Malveira»; n.º 13 – Anteciparam a efeméride do III ano da *Semana Portuguesa*, que teria início no número seguinte, e publicaram uma “reportagem” sobre a inauguração do novo edifício da Escola Primária da Asseiceira; n.º 14 – Celebraram o aniversário da revista, rendendo homenagem a Carlos do Amaral, seu diretor e proprietário, fizeram notícia sobre a «Feira de Utilidades» do Porto, a nova estação do Cais do Sodré, em Lisboa, e também fizeram algumas evocações históricas, nomeadamente de «O 1.º de Dezembro de 1640», reproduzindo um trecho da obra de Fernando Mendes, que termina com o povo em júbilo por ter reconquistado a Liberdade!; n.º 15 – Editado a 31 de Janeiro de 1936, para assinalar os 45 anos da «1ª tentativa realizada para a proclamação da República em Portugal», com a reprodução do artigo que Mayer Garção escrevera, na época, para o diário republicano *A Capital*.

OS PROPRIETÁRIOS

Porque o percurso da *Semana Portuguesa* não foi linear nem vulgar e porque a sua análise pode contribuir para clarificar a natureza das motivações que estiveram subjacentes ao projeto editorial da *Semana Portuguesa*, vale a pena referenciar essa trajetória.

À data do seu aparecimento, a *Semana Portuguesa* era propriedade da «Empresa da Revista Editorial, Limitada» que, pouco tempo depois, lançou no mercado uma outra publicação, a *Revista*, mensário, que foi dirigido por Júlio do Amaral e Albino Lapa (1898-1968)¹⁹, e o corpo dirigente da *Semana Portuguesa* era constituído por Carlos do Amaral (Diretor), Artur do Amaral (Administrador) e Raul de Lyz (Editor).

¹⁹ Esta publicação não faz parte do espólio da Hemeroteca, mas existe na Biblioteca Nacional. De acordo com o respetivo registo bibliográfico, saíram apenas três números, todos em 1933, não sendo feita referência ao mês. Em nota constam duas informações: a partir do 2.º número Artur do Amaral assumiu o cargo de editor da publicação que também era designada como “Revista editorial”. Daniel Pires, no seu *Dicionário da Imprensa Periódica Literária*, também lhe fez referência. Desde o seu 1.º número, a *Semana Portuguesa* apresentou um anúncio a incentivar a assinatura da *Revista Editorial*. Como se pode constatar, o seu endereço coincidia

Um mês e meio depois, quando saiu o sexto número (15/02/1933), a revista já mudara de mãos: era propriedade da «Empreza da «Semana Portuguesa» (em organização)», que tinha a morada na Rua Luz Soriano, 94; note-se que esse endereço era o mesmo das oficinas gráficas onde foi impresso o terceiro número da revista²⁰, que pertenciam à empresa de Alvaro Silva & José B. Vicente, Limitada²¹; e um dos seus sócios, José Bernardo Vicente²², passou a ser o «Administrador» da *Semana Portuguesa*; simultaneamente, Albino Lapa cedeu o seu posto de «Redactor principal» a Carlos Bandeira de Tóro, um «*presado amigo*» que «à “*Semana Portuguesa*” tem dado desde o seu primeiro numero valiosa colaboração.»²³ Carlos do Amaral manteve-se como diretor.

O que poderá ter determinado ou motivado a mudança de propriedade?

A hipótese das dificuldades financeiras é sempre de levar em conta uma vez que o número de leitores era reduzido, o quadro económico e social (desemprego, baixos salários, inflação, etc.) não era favorável e a concorrência era muita, ou seja havia uma oferta de títulos significativa e diferenciada. Ainda assim, a *Semana Portuguesa* possuía um número considerável de anunciantes, onde se incluíam alguns “pesos pesados” como a Kodak, a Nestlé, a Philips, a Hasse, a Fábrica de Louças de Sacavem, entre outras, e dezenas de comerciantes de Lisboa. Também não encontramos nas suas páginas os habituais apelos ou avisos aos assinantes para saldarem o que deviam ou anteciparem o pagamento do que iriam receber. De resto, a revista só deu a conhecer o preço da assinatura tardiamente (n.º 5, p. 9) e sem destacar a informação. Na capa constava apenas o preço “popular” do número avulso: 1\$00. Se descartamos como explicação da mudança de propriedade a presença de dificuldades financeiras, resta ainda a possibilidade de se terem verificado desentendimentos ou, simplesmente, uma tentativa de autonomizar a revista da empresa “mãe”, como parece indiciar o processo anunciado de organização da “Empreza da «Semana Portuguesa»”.

Podemos garantir que, independentemente das razões, a mudança não trouxe benefícios visíveis à *Semana Portuguesa*, pelo contrário. O que se verificou foi uma “fuga” de anunciantes, particularmente dos pequenos que ocupavam a verso da capa, a contracapa e o verso, que ficaram vazios (mais tarde recuperou alguns); as páginas

com o dos escritórios (Administração e Redação) da *Semana Portuguesa*, indicado no cabeçalho, e também das oficinas gráficas de Empresa Editorial, onde a revista era composta (referido no anúncio publicado na contracapa). Mas há mais sinais a testar a “irmandade” das duas publicações: Artur do Amaral, o administrador da *Semana Portuguesa* era o editor da *Revista Editorial*; Júlio do Amaral, diretor da *Revista Editorial*, assinou o primeiro editorial da *Semana Portuguesa*; por um curto período, Albino Lapa, co-diretor da *Revista Editorial*, foi chefe de redação da *Semana Portuguesa*; e alguns colaboradores também foram comuns.

²⁰ Conf. informação presente no cabeçalho, na pág. 1. Os dois números anteriores foram impressos cada um em sua oficina.

²¹ Conf. anúncio publicado na contracapa do n.º 4.

²² Conf. «José Bernardo Vicente», in n.º 7, p. 7.

²³ Conf. «Bandeira de Tóro» in n.º 6, p. 4. Não encontramos informação sobre esta figura, à quem a revista rendeu-lhe homenagem no seu n.º 9, reconhecendo o seu contributo para a organização da edição especial da «Costa do Sol». Nesse contexto, foi enfatizada a sua origem em «uma família distintíssima e fidalga», a sua relação com o Brasil e sua “carreira” na imprensa. A pesquisa no catálogo das BLX devolve-o como director do mensário «A Hora: Jornal Ilustrado», de Julho 1933, que tinha como administrado Raul de Lyz.

interiores também foram atingidas, embora não tão radicalmente; e a revista nunca mais conseguiu sincronizar as edições com a semana e a sua linha editorial acabou por ser reformulada. De facto, entre Fevereiro e Março, só conseguiram produzir dois números (7 e 8) e no início de Abril fizeram sair o já referido número especial (n.º9), dedicado à Costa do Sol.

Essa aposta não parece ter corrido bem, apesar da total sintonia com a propaganda do regime. Além de não conseguir produzir nenhum número nos meses que se seguiram à edição especial dedicada à Costa do Sol, em Dezembro de 1934, quando finalmente saiu o 10.º número, a *Semana Portuguesa* já era propriedade de Carlos do Amaral que até ali fora o diretor, cargo que manteve; Artur do Amaral reassumira o cargo de Administrador; e a edição era agora da responsabilidade do «Concelho de Mafra», título do «Semanário Ilustrado. Órgão de Propaganda e Defesa do Concelho», dirigido por Júlio do Amaral, que tivera início em Janeiro de 1933.²⁴ Os escritórios (redação e administração) passaram para a Rua Alves Correia, 155 Lisboa. Mas a *Semana Portuguesa* nunca mais foi a mesma. Até Janeiro de 1936, apenas conseguiu publicar 5 números, três deles em 1934, um em 1935 e outro no ano seguinte, o derradeiro. Este lento definhar implicou uma degradação contínua da qualidade da revista, especialmente evidente na impressão, no acumular de erros tipográficos, ou na redução do número de páginas.

Rita Correia, 16 de Dezembro de 2016

BIBLIOGRAFIA

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA BRASILEIRA. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

HISTÓRIA DE PORTUGAL. DOS TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS AOS NOSSOS DIAS, dir. João Medina. Lisboa: Ediclube, [s.d.].

CADAVEZ, Cândida - «Imaginários turísticos no Estado Novo Português», in *Passos. Revista de Turismo e Património Cultural*, 2015, Vol 13, N.º 5, pp. 1067-1077. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/articulos/829-imaginarios-turisticos-no-estado-novo-portugues> [Consultado a 10/12/2016]

MARRONI, Luísa - «Portugal não é um país pequeno». A lição de colonialismo na Exposição Colonial do Porto de 1934», in *História*, Revista da FLUP. Porto, IV Série, vol. 3 – 2013, pp. 59-78. Disponível em: <https://coloquiocienciacolonial2013.files.wordpress.com/2013/10/6-luc3adsa-marroni.pdf> (Consultado a 10/12/2016)

²⁴ Na contracapa dos primeiros números da *Semana Portuguesa* foi feita publicidade a este semanário, que se extinguiu a 31 de Março de 1974. Está disponível na Hemeroteca Municipal.

SOUSA, Osvaldo de - *Teixeira Cabral. A Caricatura Síntese*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras/Humorgrafe, Março 1997.

SOUSA, Maria Reynolds - «A Concessão do voto às Portuguesas. Breve Apontamento». Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Colecção Fio de Ariana, 2013. Disponível em: <http://www.igualdade.gov.pt/images/stories/documentos/documentacao/publicacoes/a%20concessao%20do%20voto%20as%20portuguesas.pdf> [Consultado a 12/12/2016]

Imprensa: *Diário de Lisboa e O Século*,